

OS DESAFIOS DO CASAL E DA FAMÍLIA NA NOVA EVANGLIZAÇÃO

7/09/2015

1. **“DISSOLVER”**: OS DESAFIOS DO MUNDO LÍQUIDO
2. **“ANUNCIAR”**: O ANÚNCIO QUE DÁ VIDA
3. **“CONSTRUIR”**: A RESPOSTA DAS ENS
 - CONSTRUIR A PARTIR DA VERDADE *com a linguagem da vocação ao amor.*
 - CONSTRUIR UMA INTIMIDADE INTEGRADA E MADURA *com a linguagem do corpo.*
 - CONSTRUIR UMA ALIANÇA *com a linguagem da comunhão.*
 - CONSTRUIR A PARTIR DA PROMESSA E DA ESPERANÇA *com a linguagem do tempo.*
 - CONSTRUIR A PARTIR DA FECUNDIDADE E DO TESTEMUNHO *com a linguagem da fecundidade e do testemunho.*
 - CONSTRUIR A PARTIR DA MISERICÓRDIA *com a linguagem do Bom Samaritano.*
 - CONSTRUIR A PARTIR DA CARIDADE RUMO À SANTIDADE *com a linguagem da entrega total.*
4. O OBJECTIVO: UMA OBRA-PRIMA QUE VIVE UMA VIDA EM ABUNDÂNCIA

Nós vimos de Málaga, cidade espanhola mediterrânica e ponte entre culturas. Por isso, queremos trazer-vos esta humilde reflexão, a partir da experiência pessoal, partindo da visão de “navegar” e de “construir”. Dois mundos: um “líquido” e o outro “sólido”; dois verbos: “dissolver” e “construir”. Navegamos e construímos *numa época de contrastes*, lutando por seguir a rota programada e construir uma obra-prima

Como nos recorda o *Guia das ENS*, temos de discernir continuamente os sinais dos tempos para descobrir as novas realidades e as necessidades dos casais de hoje. A partir de um «**discernimento evangélico**» (EG 50), como nos propõe o Papa Francisco.

Uma situação nova que pede palavras e práticas novas. Embora existam muitas sombras que rodeiam e ocultam a realidade do casal e da família, os casais das ENS têm de se apresentar como «**mensageiros alegres de propostas altas, guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho**» (EG 168). Para isso, temos de fazer um esforço de fidelidade e de criatividade, olhando sempre para o futuro, para assim nos transformarmos em «**fermento de renovação**»¹.

I. “DISSOLVER”: IMERSOS NUM MUNDO LÍQUIDO

1. O AUGÉ DO EU EGOÍSTA DISSOLVE TUDO

Vivemos sob as influências do chamado “**mundo líquido**”, aquele em que se entroniza o efémero, o fugaz, o episódico, o inconstante e sem compromisso, e que se destaca por uma estranha fragilidade dos vínculos humanos. Um mundo que conjuga o verbo “**dissolver**” (a nossa identidade pessoal e conjugal, a nossa relação, o conceito de verdade, de fidelidade, de promessa, de sacramento, etc.). Um mundo empenhado em nos propor o “**amor líquido**”², caracterizado por desprezar tudo o que é sólido e duradouro.

Actualmente, o maior desafio da família é de ordem cultural, que torna difícil para as pessoas viverem realmente o que o seu coração deseja. São-nos enviadas continuamente mensagens que estão subjacentes à raiz da *grave crise da família* ao gerarem vínculos frágeis (cf. EG 66): secularismo, relativismo, niilismo, emotismo, hedonismo, narcisismo, pansexualismo, etc., são “**dissolventes**” poderosos³. Que cocktail!

¹ ENS, *O Segundo Fôlego*, Lourdes 1988.

² Cf. Z. BAUMAN, *Amor líquido. Acerca de la fragilidad de los vínculos humanos*. Fondo de Cultura Económica, Madrid 2007, 7-8.

³ Já no-lo dizia *O Segundo Fôlego*: «O individualismo crescente, a violência que dilacera a grande família humana e que está presente em todos os relacionamentos, a incapacidade de manter um longo esforço, a facilidade de se libertar de todo o rigor moral objetivo, o medo de se comprometer numa fidelidade duradoura, a vulgarização da sexualidade, etc., tudo isso existe e afecta profundamente o casal».

2. “DISSOLVIDOS” COMO CASAIS “LÍQUIDOS”

Utilizando este roteiro de navegação, qualquer casal acaba por ser um par de náufragos que, embora consigam chegar à margem, estarão sujeitos a uma certa escravidão e a um certo isolamento. Então, fechados em si mesmos, vivem e recriam-se na cultura do “eu”. Como se vêem estas mensagens reflectidas no seu ser pessoal e conjugal?

1. **O amor (que entendem como sentimento) não é uma luz nas suas vidas**, não pensam que o amor possa ser duradouro, que possa ser a base de uma vida. Assim, têm uma dificuldade interior para reconhecer e realizar plenamente a vocação ao amor.
2. **Perdem a consciência da origem e a memória.** Para saber aonde se vai é preciso saber-se de onde se vem. Se se perde a memória, esquece-se o que se recebeu, que é precisamente onde aprendemos o que é verdadeiramente importante na vida.
3. **São imaturos.** Por trás desta imaturidade há geralmente um certo “*analfabetismo afectivo*”, que impede que se compreenda o que os afectos nos dizem para construir uma história.
4. **Vivem uma sexualidade desintegrada do amor**, não têm problemas em justificar a *ruptura* do que Deus uniu: sexualidade–matrimónio–amor–procriação. Vivem na cultura da dissociação (X. LACROIX).
5. **Vivem fragmentados** e uma vida fragmentada que lhes torna impossível ver as suas próprias vidas como a *construção de uma história*.
6. **Procuram apenas vínculos frágeis**, por um lado querem estreitar os laços, mas, ao mesmo tempo, querem-nos frouxos para os poderem desatar⁴.
7. **Vivem numa cultura do provisório**⁵. **Têm medo de amar e de se comprometer.**
8. **Banalizam o perdão e vivem sem esperanças e sem objectivos.**

3. O FIM DO CAMINHO: A TERRA BALDIA

Em que margem acabam por naufragar? No vazio, na solidão e na insatisfação⁶. O problema é que a sua capacidade para construir as suas próprias existências, a sua obra-prima, fica profundamente **enfraquecida**, uma vez que entregam a direcção das suas vidas ao estado de espírito do momento. Transformam-se em sujeitos facilmente manipuláveis. Estamos diante de um desafio real: pessoas que, perante a tarefa de construir uma família, se vêem fracas e incapazes de realizar essa missão. É aqui que tem de incidir o nosso acompanhamento pastoral.

⁴ Cf. Z. BAUMAN, *op. cit.*, 7-8.

⁵ FRANCISCO, Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio (14-2-2015).

⁶ Acabam na terra baldia que o poeta descreve: T. S. ELIOT, *La tierra baldía*, Cátedra, Madrid 2005.

II. “ANUNCIAR”: O ANÚNCIO QUE DÁ VIDA

Anunciar o Evangelho da família é comunicar vida, e é uma urgência para a nova evangelização⁷. Isto implica uma mudança radical na perspectiva pastoral que ainda está por desenvolver. Hoje, muitos jovens, casais e famílias não encontram o Evangelho na evangelização permanente da Igreja e interpelam-nos: *Como podemos viver isto?* A partir do nosso compromisso com a nova evangelização, as ENS querem levá-los ao encontro com Jesus, levá-los a descobrir a sua vocação e a responder-lhe.

III. “CONSTRUIR”: A RESPOSTA DAS ENS

Diante deste panorama, qual deve ser a resposta das ENS? “**Construir**” cada um a sua obra-prima, na vertente pessoal, conjugal e familiar, bem como “**acompanhar**” outros casais para que a construam. Agora abre-se-nos espaço para uma **escolha**: representamos o papel de dois “*náufragos*”, sujeitos ao mundo líquido, ou o de *pilotos*, membros e protagonistas de uma equipa, que procuram reconstruir o destino a partir dos fragmentos que subsistem?⁸ Ou, como dizia o nosso fundador, somos construtores ou inquilinos?

Qual será o nosso plano de itinerário? Seguir Cristo no caminho do amor, da felicidade e da santidade⁹.

Qual será o objetivo da nossa viagem?¹⁰ Conhecer e alcançar a plenitude de uma «*vida em abundância*» (Jo 10,10), a santidade. Temos que gerar a grandeza da vida, torná-la fecunda. Cada um descobre esta plenitude no caminho da **vocação ao amor**¹¹, em que há três graus para o seu desenvolvimento integral, o que é válido para o casal e para o padre ou consagrado.

«Ser filhos para ser esposos e chegar a ser pais»¹²

⁷ SÍNODO DOS BISPOS, *Relatio Synodi* da III Assembleia Geral Extraordinária (5-19 Outubro 2014), 29.

⁸ T.S. ELIOT, *Notes Towards the Definition of Culture*, London 1948: «O homem descobre-se através da tormenta. Quando chega a calma, por fora prolonga-se com força, por dentro combate-a entre representar o papel de “náufrago” abatido e nostálgico ou de tripulante, membro separado de uma equipa, que procura reconstruir o destino a partir dos fragmentos que persistem e fazê-lo, na medida do possível, em comum».

⁹ ENS, *Guia das ENS*, 2002 5.

¹⁰ BENTO XVI, *Spe Salvi*, 49: «A vida humana é um caminho. Rumo a que meta? Como achamos o itinerário a seguir? A vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoada e tempestuosa, uma viagem na qual perscrutamos os astros que nos indicam a rota. As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com rectidão».

¹¹ R. ACOSTA, *La luz que guía toda la vida. La vocación al amor, hilo conductor de la pastoral familiar*, Edice, Madrid 2007.

¹² Cf. L. MELINA, J. NORIEGA, J.J. PÉREZ-SOBA, *Caminar a la luz del amor. Fundamentos de la moral cristiana*, Palabra, Madrid 2007, 165: «Este itinerário, ser filho para ser esposo e chegar a ser pai, expressa o conjunto das relações humanas de base que estabelecem esses vínculos pessoais – não da natureza – que enquadram as acções dos homens».

- Primeiro aprendemos a “**ser filhos**”: acolhemos o dom originário do amor com gratidão. É a vida filial e fraterna.
- Mas adiante, aprendemos a “**ser esposos**”: o amor recebido que agora se dá. É a vida conjugal.
- Por último, aprendemos a “**ser pais e mães**”: o amor fecundo na geração e na educação. É a vida fecunda.

Trabalhemos, pois, para construir casais sólidos¹³ que enfrentem os novos desafios e acompanhem os que sofrem em tantas tempestades¹⁴. Como?

1. CONSTRUIR A PARTIR DA VERDADE

Precisamos de uma **luz para construir e navegar**, para poder ver o verdadeiro caminho, o plano que Deus tem para cada um de nós¹⁵. Devemos procurar assiduamente essa vontade de Deus, a verdade sobre cada um de nós¹⁶, não a “nossa” verdade. Temos de ser “dois buscadores de Deus”¹⁷ que entendem a **linguagem do chamamento e da resposta**, e assim passarmos a ser protagonistas da nossa própria existência. A partir da sua Presença, viveremos experiências de encontro e alcançaremos a comunhão que procuramos.

É a luz que nos permite seguir a rota da **vocação ao amor**, primeiro pessoalmente e depois conjugalmente. Durante esta viagem, percebemos que todos nós precisamos de **aprender a amar**. A finalidade de viver esta vocação ao amor é o **dom sincero de si mesmo**.

Para isso, temos de **voltar à fonte**, ao amor primeiro que nos mostra a Verdade e o Caminho. Assim, o amor reconstruirá sua força unitiva ao recuperar a sua relação com a verdade. Mantenhamos o olhar fixo em Jesus Cristo. «Todas as vezes que voltamos à fonte da experiência cristã, abrem-se estradas novas e possibilidades inimagináveis»¹⁸.

¹³ H. CAFFAREL, *L'Anneau d'Or* (juillet 1945): «A comunidade conjugal é sólida, visto que a graça trabalha poderosamente por essa união. Fá-la, repara-a, consolida-a dia após dia».

¹⁴ ENS, *O Segundo Fôlego*, 1988: «A necessidade de dar à maioria dos jovens casais uma formação cristã de base, de dar suporte aos que querem “ir mais além”, de ajudar também a integrar na vida do casal o trabalho da mulher e as provações do desemprego, de ajudar os casais a bem envelhecer, a morrer em paz e a viver a sua viuvez».

¹⁵ H. CAFFAREL, «Pour une spiritualité du chrétien marié», *L'Anneau d'Or* n. 84 (1958), 425-436: «Trata-se de cristianizar toda a vida familiar. E sobretudo de procurar o sentido cristão de todas as realidades familiares, perguntando: “Basicamente, qual é o pensamento de Deus sobre o amor, sobre a paternidade e a maternidade, a sexualidade, a educação, sobre todas as grandes realidades do casal? E não só descobri-lo mas querer realizar esse pensamento de Deus em todos os âmbitos».

¹⁶ ENS, *Guia das ENS*, 2002, 30.

¹⁷ H. CAFFAREL, «As Equipas de Nossa Senhora face ao ateísmo», Conferência proferida em Roma, 5-5-1970: «Gostaria de saber comunicar-vos a minha convicção de que um casal de “buscadores de Deus”, no nosso mundo que já não acredita em Deus, que já não acredita no amor, é uma “teofania”, uma manifestação de Deus, como foi – para Moisés – aquela sarça do deserto que ardia sem se consumir».

¹⁸ FRANCISCO, Discurso na vigília de oração preparatória para o Sínodo sobre a Família, 4-10-2014.

PROPOSTA: Animemos os jovens, os noivos (*preparação remota e próxima para o matrimónio*) e os recém-casados a serem “buscadores de Deus”, aprofundando o Evangelho do matrimónio e da família para conhecerem o plano que Deus tem para cada um¹⁹. Há que ver este plano como uma narrativa de uma vida e não como algo pré-estabelecido. Isto exige uma certa formação e experiência de vida. Aprendamos a amar e vivamos na lógica do dom²⁰.

2. CONSTRUIR UMA INTIMIDADE INTEGRADA E MADURA

A partir desta luz da verdade conheceremos melhor a nossa identidade como «uma só carne». O facto de o corpo ter a sua linguagem, a **linguagem do corpo**, indica que ele é portador de significados que não existem para nosso mero uso, mas que nos chamam para nos dar vida. Conhecer esta linguagem exige uma autêntica **educação afectivo-sexual** em que conjugaremos dois verbos:

- a) **INTEGRAR** as nossas dimensões pessoais no caminho do amor verdadeiro, o que nos permitirá criar vínculos fortes com quem nos relacionarmos.
- b) **AMADURECER**, imprescindível para perceber melhor o chamamento e para crescer no esforço da resposta. Isto requer uma educação para o amor e nas virtudes. A maturidade significa assumir o amor como uma tarefa vital que implica sacrifício diário²¹.

Para conjugar estes verbos temos que aprender a **linguagem do amor**, tal como aprendemos a falar. Como acontece com a língua, também é necessário que cheguemos a expressar, a ler e a escrever os nossos afectos. “*Lê-los*” consiste em saber interpretá-los; “*escrever*” a nossa vida afectiva consiste em aprender a integrá-la nas nossas acções.

Ao interpretar a experiência de amor que vivemos, verificamos que ela implica a promessa de um amor muito maior que nos impele a construir uma história de amor, crescente e total. Ora, a **sexualidade** é o **canal desse amor**, a linguagem capaz de nos unir à pessoa amada numa intimidade única. O **significado da sexualidade** consiste, pois, na abertura ao outro que induz ao dom de si mesmo, capaz de ser fecundo, de promover a vida numa lógica de superabundância, o que torna original esta comunhão de pessoas.

¹⁹ A. Y C. ALVARADO, «Equipas de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais», 10º Encontro Internacional de Lourdes (20-7-2006): «Os casais das Equipas, como casais casados pelo sacramento, devem ser construtores da história com base no amor, segundo o desígnio de Deus».

²⁰ T. Y Z. MOURA-SOARES, «Formação e serviço», 2º Encontro Internacional de Responsáveis Regionais em Roma, 25-1-2009.

²¹ H. CAFFAREL, *Lettre mensuelle des Equipas Notre Dame* (Avril-Mai, 1957): «O sacrifício é a perfeição cristã do dom».

PROPOSTA: Ajudar os jovens, os noivos e os esposos a saber que a sexualidade é o canal da promessa de um amor muito maior que os impele a construir uma história de amor, crescente e total (*Educação Afectivo-Sexual*). Ajudá-los a descobrir e a aprofundar o sentido humano e cristão da sexualidade, para que possam compreender e viver a dimensão sexual da espiritualidade conjugal. Em duas palavras, *evangelizar a sexualidade*²².

3. CONSTRUIR A PARTIR DE UMA ALIANÇA

Quem nos mostra a verdade do caminho propõe-nos agora uma **aliança** a partir da qual caminharão juntos, não apenas os dois cônjuges, mas os três²³. Esta aliança permite-nos construir a partir do “**nós**”, sabendo “viver para o outro”. Isso requer saber como lidar com a **linguagem da comunhão**, que continuamente nos convida ao *diálogo*.

Esta linguagem leva-nos a promover **a cultura do vínculo e do compromisso** (cf. EG 66-67) numa sociedade que presta culto à individualidade. Quando estabelecemos esta **aliança**, apontamos para uma solidariedade especial, mais forte do que os laços de sangue, afetivos ou contratuais. Poderemos construir uma **comunidade**²⁴ que nos compromete a partir do mais íntimo e nos leva para além do calculismo e da permuta. No próprio coração desta aliança está plantado o *amor* como motor central.

PROPOSTA: Comprometer-se a construir relações de entrega e reciprocidade criativas e que responsabilizem²⁵. Aprofundar, viver e testemunhar como se pode viver hoje numa aliança conjugal, e entre nós e Deus. Descentrar-se e acentuar o “tu” e o “nós”.

4. CONSTRUIR NA PROMESSA E NA ESPERANÇA

Os casais das ENS têm que ser “engenheiros da esperança”, capazes de construir utilizando a **linguagem do tempo**. O amor que faz de um homem e de uma mulher uma só carne gera um novo ser, o “nós” comum. Este novo ser possuirá **um tempo novo**, uma maneira nova de integrar passado, presente e futuro. Unem-se na memória da origem, que nos recorda que somos filhos; a promessa fiel que acompanha cada momento e nos oferece uma história coerente; a fecundidade de futuro que nos abre um horizonte novo.

²² Cf. ENS, *O Segundo Fôlego*, Lourdes 1988; H. CAFFAREL, «O carisma fundador», 1987: «As ENS afirmam na Igreja que a sexualidade é um factor de santificação se for assumida e evangelizada». Por isso, propõe-nos o caminho fascinante «da sexualidade ao amor».

²³ H. CAFFAREL, *Lettre mensuelle des Equipas Notre Dame* (Avril, 1968): «O matrimónio cristão não é apenas uma doação recíproca do homem e da mulher; é também o dom do casal a Cristo. Esta presença, é certo, torna-se real já quando dois ou três se reúnem em nome de Cristo, mas, no caso do casal, há mais e melhor: um pacto, uma **aliança**, no sentido bíblico da palavra, entre Cristo e o casal»; J. E. LEE, «O casal chamado a viver a Aliança», Colégio Internacional de Melbourne 2002.

²⁴ A. Y C. ALVARADO, «Equipas de Nossa Senhora, comunidades vivas de casais», 10º Encontro Internacional de Lourdes (20-7-2006).

²⁵ SÍNODO DOS BISPOS, *Relatio Synodi*, op.cit., 9.

Vivamos e promovamos a cultura da promessa. A verdade da promessa, enquanto constitutiva do casal, é, ao mesmo tempo, o que funda a **Aliança**. Cada promessa é, enquanto tal, um certo **compromisso**²⁶, que se vive sempre com outra pessoa, numa espécie de conexão pessoal que olha um futuro. Sim, é possível comprometer-se para toda a vida sem comprometer a liberdade²⁷. A pessoa que é realmente livre pode prometer, e só a pessoa que pode prometer é verdadeiramente livre.

Não podemos prometer uma emoção ou um sentimento, só um **amor**. Os primeiros não dão mais de si, o segundo é capaz de construir uma vida. O amor é verdadeiro na medida em que promete uma vida maior e oferece um caminho e um suporte para poder alcançá-la; e é essa promessa de amor que nos faz entregar a vida nele. No entanto, só é possível prometer se alguém nos assegura antes a sua *fidelidade*.

Vivamos e promovamos a cultura da fidelidade, em que somos fiéis à verdade da outra pessoa²⁸. Quando esta fidelidade falha, a **aliança** é quebrada. Deus quer vencer a infidelidade com a **reconciliação**, criar uma nova união fiel, voltar à união primeira, causa de um amor maior. Por isso, a resposta divina à nossa ruptura é a oferta do **perdão** que nasce da **misericórdia** e é o seu fruto maduro. A mudança que Deus nos pede é a **conversão**, o “voltar à Aliança”.

Vivamos e promovamos a cultura da esperança²⁹. O aparecimento em cena da esperança permite-nos entrar no imenso mundo que dá ao homem a promessa de Deus: «uma esperança firme que não desilude» (LF 53). Abrir um caminho não consiste em dar razões a uma pessoa que não encontra em si a força para dizer sim, mas oferecer-lhe a esperança que nasce do apoio em terceiros.

PROPOSTA: Apresentar a beleza do novo tempo do “nós”, em que promessa, fidelidade e esperança se articulam para dar sentido à nossa vida conjugal. Aprofundar e viver a espiritualidade conjugal.

5. CONSTRUIR A PARTIR DE UM AMOR FECUNDO

A **linguagem da fecundidade** (*abertura à vida*) e a **do testemunho** (*abertura a outras vidas*) estão ligadas à da esperança, sendo sempre o resultado do verdadeiro amor extático, que nos faz sair de nós mesmos.

Na «**arte do acompanhamento**» (EG 169), fruto do nosso amor fecundo, temos que ser *testemunhas* mais do que *mestres*, mas acompanhando como *pedagogos*. Hoje temos de transmitir umas verdades, mostrar que é possível vivê-las e como consegui-lo. Acompanhando casal a casal,

²⁶ M. BLONDEL, *La acción* (1893). *Ensayo de una ciencia crítica de la vida y de una ciencia de la práctica*, BAC, Madrid 1996, 4: «Se não se quiser perder tudo, é necessário comprometer-se».

²⁷ BENTO XVI, *Discurso à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios* (21-12-2012): «Pode o homem vincular-se para toda a vida? Isto está de acordo com a sua natureza? Ou não estará porventura em contraste com a sua liberdade e com a auto-realização em toda a sua amplitude? [...] Um vínculo por toda a vida está em contraste com a liberdade?».

²⁸ Cf. T. RADCLIFFE, Cf. T. RADCLIFFE, «O Bom Samaritano», XI Encontro Internacional, Brasília 2012 (22-7-2012).

²⁹ S. Y A. MERIZALDE, «A Esperança», Colégio Internacional de Houston 2001.

sabendo diminuir o ritmo, pondo de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciando às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho (cf. EG 46).

Os casais das ENS *querem* ser um «instrumento de apostolado excepcionalmente eficaz»³⁰, que ajude outros casais a descobrir cada vez mais, num caminhar contínuo, o dom recebido da riqueza do amor sacramento vivido no casal, e a viver a espiritualidade conjugal como uma viagem constante rumo à santidade³¹. Devemos estar «sempre **comprometidos em todas as frentes**»³², com *os jovens, os noivos, os recém-casados, os casais em dificuldade, os viúvos, etc.* Ao mesmo tempo, temos um objetivo missionário: «anunciar ao mundo os valores do matrimónio cristão, pela palavra e pelo testemunho de vida»³³, como parte da nova «Igreja em saída» (EG 20-24).

PROPOSTA: Gerar a esperança naqueles cujo amor não está aberto à vida ou a outras vidas. Aprofundar uma preparação *integral* para o matrimónio, desde o nascimento, o que exige acompanhar uma vocação para o amor. Aprofundar esta pastoral do acompanhamento, estando mais próximos dos casais necessitados para lhes oferecer ajuda efectiva, não tanto programando acções mas acompanhando as pessoas.

6. CONSTRUIR A PARTIR DA MISERICÓRDIA

Na sua viagem por mares incertos, os casais das ENS têm que ser «**ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença**»³⁴ para todos aqueles que necessitem de amor e de ternura, acompanhando-os com verdade, paciência e misericórdia, anunciando o Evangelho da família³⁵.

A intenção da revelação da **misericórdia** divina é manter o vínculo da **Aliança** com Deus, que é definitiva e, portanto, indissolúvel. Resta agora passar o teste principal: a nossa fraqueza não parece estar à altura de uma união deste tipo. A **misericórdia** e a **fidelidade** andam a par e aparecem como uma resposta divina à fraqueza humana e participam de uma perdurabilidade no **tempo** que é de origem divina. Ambos os termos remetem para a **Aliança** como fundamento de uma união admirável entre as duas. A verdadeira raiz da misericórdia está na fidelidade de Deus à sua Aliança.

A misericórdia permite-nos, como ao Bom Samaritano, “**ver com o coração**”, isto é, descobrir as feridas reais e curá-las com o verdadeiro óleo que pode curar. Este olhar de misericórdia faz-nos ver as situações difíceis, não como problemas a solucionar tecnicamente, mas convidando-nos a descobrir nelas graves carências do amor humano que precisam de ser curadas. Temos consciência

³⁰ H. CAFFAREL, *Lettre mensuelle des Equipes Notre Dame* (janvier, 1962).

³¹ C Y M.-C. VOLPINI, «Cuidarei para sempre de ti (Is 49,15)», 2º Encontro Internacional de Responsáveis Regionais em Roma, 25-1-2009; cf. ENS, *Guia das ENS*, 2002, 15.

³² H. CAFFAREL, «Garderies des adultes», *Lettre Mensuelle des Équipes Notre-Dame* (Juin, 1948).

³³ ENS, *O Segundo Fôlego*, Lourdes 1988; ver o discurso de SÃO JOÃO PAULO II por ocasião do 50º aniversário da Carta, citado em ENS, *Guia das ENS*, 2002, 53.

³⁴ FRANCISCO, *Mensagem para a Quarema de 2015* (4-10-2014).

³⁵ SÍNODO DOS BISPOS, *Relatio Synodi*, *op.cit.*, 12; EG 44: «Portanto, sem diminuir o valor do ideal evangélico, é preciso acompanhar, com misericórdia e paciência, as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo dia após dia».



Equipas Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux

Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

de que a maior misericórdia é dizer a verdade com amor, pelo que temos de ir mais além da compaixão. O amor misericordioso, assim como atrai e une, transforma e eleva. Convida à **conversão**³⁶.

Vivamos e promovamos a cultura do perdão, pois nem sempre sabemos ser fiéis ao compromisso assumido³⁷. O perdão refere-se à promessa, é uma maneira diferente de *recordar*, uma recordação que sabe eliminar o mal. Por isso, também entende a linguagem do tempo. Ao mesmo tempo, só se houver perdão é que podemos prometer; o perdão garante que a promessa pode manter-se; diz-nos que é sempre possível acreditar nela. Só com o perdão podemos regenerar as rachas das fundações, contamos com a possibilidade de restaurar o que foi quebrado.

PROPOSTA: Cooperar numa pastoral da misericórdia³⁸. Trata-se de um processo ao longo do tempo que deverá ter sempre em conta um acompanhamento como relação pessoal. Oferecer, com sentido evangélico, um olhar de esperança e de misericórdia para com os casais em dificuldade, acolhendo-os e ajudando-os com propostas de apostolado que lhes permitam descobrir ou viver um encontro com o amor de Cristo³⁹.

7. CONSTRUIR A PARTIR DA CARIDADE

Os casais são chamados a transformar o seu amor em **caridade**, ainda que isso não seja⁴⁰. É necessário exercitar incansavelmente a comunhão também em termos de almas, e poder dizer ao outro: «*No teu amor por mim, encontro o amor de Deus que vem até mim. No meu amor por ti, unome ao amor de Deus que toma o meu coração para te amar*». Para o Pe. Caffarel, a grande exigência da caridade radica no facto de ser necessário trabalhar incansavelmente na **santificação** do ser amado⁴¹, e é **um caminho a percorrer juntos**⁴². A santidade no matrimónio consiste em aprender a

³⁶ SÍNODO DOS BISPOS, *Relatio Synodi*, op.cit., 28.

³⁷ S. Y A. MERIZALDE, «O casal chamado à reconciliação», Colégio Internacional de Melbourne 2002; A. E V. VARELA, «Matrimónio e perdão», Colégio Internacional da Ilha Maurícia, Julho 2005.

³⁸ BENTO XVI, Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Estudos sobre Matrimónio e Família (5-4-2008): «*A Igreja tem o dever primário de se aproximar destas pessoas com amor e delicadeza, com solicitude e atenção materna, para anunciar a proximidade misericordiosa de Deus em Jesus Cristo. De facto é Ele, como ensinam os Padres, o verdadeiro Bom Samaritano, que se fez nosso próximo, que derrama o óleo e o vinho sobre as nossas chagas e que nos conduz à estalagem, a Igreja, na qual nos faz curar, confiando-nos aos seus ministros e pagando pessoal e antecipadamente pela nossa cura. Sim, o evangelho do amor e da vida é também sempre evangelho da misericórdia, que se dirige ao homem concreto e pecador que somos nós, para o levantar de qualquer queda, para o restabelecer de qualquer ferida*».

³⁹ Cf. E. E C. BERNAL-FANDIÑO, «O compromisso das ENS com os casais em dificuldade», XI Encontro Internacional, Brasília 2012 (25-7-2012).

⁴⁰ F. E S. ASSIS-PONTES, «O casal avança na caridade» e C. E ÁLVARO GÓMEZ-SENENT, «O casal avança para a santidade», Colégio Internacional de Melbourne 2002.

⁴¹ Cf. H. CAFFAREL, «As Equipas de Nossa Senhora ao serviço do Mandamento Novo», Conferência em Lourdes aos peregrinos das ENS (7-6-1965).

⁴² H. CAFFAREL, *L'Anneau d'Or* (Juillet, 1945): «*A exigência de **santidade** diz-vos respeito. Para lhe responder, tendes um sacramento próprio: o matrimónio*». «*Não é que o amor na realidade se transforme em sacramento, o qual radica mais no compromisso e na união que se segue; mas o amor, inspirador desse compromisso e alma dessa união, participa do sacramento; pode dizer-se que ele é não só santificado mas também santificante*».

viver numa atitude de “para ti” em vez de “para mim”⁴³. Também referia que as ENS «*têm por objetivo essencial ajudar os casais a caminhar para a **santidade**. Nem mais nem menos*».

PROPOSTA: Acompanhar os casais e as famílias dentro de uma pastoral da santidade, porque é a família santa que descobre a sublime missão de ajudar as outras famílias neste caminho, o que supõe uma verdadeira evangelização da família. Temos de incentivar os jovens baptizados a não duvidar perante a riqueza que o sacramento do matrimónio dá aos seus projectos de amor (*ver as propostas do Pe. Miguel de la Mata que nos precedeu*)⁴⁴.

IV. O OBJECTIVO: UMA OBRA-PRIMA QUE VIVE UMA VIDA EM ABUNDÂNCIA

Não queremos ser náufragos que navegam à deriva, nem casais que constroem sobre a areia. Os casais das ENS querem construir uma obra-prima: a nossa identidade pessoal, conjugal e familiar. Que podemos mostrar com ela?

- **Um futuro de esperança** a casais *sem futuro*, que vivem num eterno presente, sem a capacidade para o espaço da “grande esperança” (cf. SS 3).
- **As raízes** a casais *sem raízes*, porque foram ensinados a desprezá-las⁴⁵. Constroem a sua casa sobre a areia, não valorizam o que receberam como fonte de vida e vínculo com um amor incondicional.
- **A rota** a casais *sem rumo*, que não sabem para onde ir porque não têm a ideia profunda de um *lar*. Não têm nenhum propósito nas suas vidas, mas vão dando passos sem rumo aparente.
- **A casa que é a Igreja**. Será a Igreja a pousada em que descansamos do caminho, curamos nossas feridas, vivemos na verdade da linguagem do amor e projectamos com esperança um futuro cheio de grandes encontros?

E fazemo-lo “navegando” em comunidade. Não nos deixemos vencer pelo contexto cultural e fundemos o nosso lar «sobre a rocha do amor autêntico, do amor que provém de Deus»⁴⁶.

⁴³ ENS, *O segundo Fôlego*, Lourdes 1988.

⁴⁴ SÍNODO DOS BISPOS, *Relatio Synodi*, *op.cit.*, 26.

⁴⁵ EG 62: «*Na cultura dominante, ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório. O real cede o lugar à aparência*».

⁴⁶ FRANCISCO, Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio (14-2-2015).



Equipes Notre-Dame

IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

Concluimos com um poema de T. S. Eliot, que resume a forma como devemos construir:

«NOS LUGARES VAZIOS
CONSTRUIREMOS COM TIJOLOS NOVOS,
HA MÃOS E MAQUINAS E BARRO PARA TIJOLO NOVO,
E CAL PARA ARGAMASSA NOVA.
ONDE CAIRAM TIJOLOS
CONSTRUIREMOS COM PEDRA NOVA,
ONDE AS VIGAS ESTÃO PODRES
CONSTRUIREMOS COM MADEIRA NOVA,
ONDE A PALAVRA NÃO É DITA
CONSTRUIREMOS COM LINGUAGEM NOVA.
HA UM TRABALHO COMUM,
UMA IGREJA PARA TODOS E UM EMPREGO PARA CADA UM.
CADA UM AO SEU TRABALHO»⁴⁷.

Ramón ACOSTA e Rosa BEJARANO (Málaga, Espanha)

⁴⁷ T.S. ELIOT, "Coros de 'la Piedra'", in *Poesías reunidas 1909-1962*, Alianza Editorial, Madrid² 2006, 171-172.